

AFINAL, QUANDO INTERPRETAMOS UMA SENTENÇA METAFÓRICA, REALMENTE, CONSEGUIMOS PARAFRASEÁ-LA?

AFTER ALL, WHEN WE INTERPRET A METAPHORICAL SENTENCE, REALLY, CAN
WE PARAPHRASE IT?

Dieysa Kanyela Fossile¹

Resumo

Neste estudo, com base, especialmente, nos postulados de Aristóteles (1996), Black (1962, 1966, 1993) e Searle (1993, 1995), objetivo discutir uma questão que faz emergir longas discussões: *ao interpretarmos uma metáfora conseguimos alcançar uma paráfrase adequada para ela?* (cf. FOSSILE, 2011a, 2011b; KITTAY, 1987; MOURA, 2005, 2006, 2007, 2008; ZANOTTO e MOURA, 2009). Neste artigo, analiso a questão da paráfrase na perspectiva aristotélica (1996), com a mesma pretensão avalio a posição de Searle (1993) e, por fim, a versão de Black (1962, 1966, 1993). Embora sejam apresentadas e localizadas algumas contradições na perspectiva de Black, parece que essa é uma opção teórica condizente para discutir a possibilidade da metáfora ser parafraseada.

Palavras-chave: Metáfora; teorias; paráfrase.

Abstract

In this study, based especially on the postulates of Aristóteles (1996), Black (1962, 1966, 1993) and Searle (1993, 1995), I aim to discuss an issue which brings out long discussions: when interpreting a metaphor can we achieve a suitable paraphrase for it? (Cf. FOSSILE, 2011a, 2011b; KITTAY, 1987; Moura, 2005, 2006, 2007, 2008; Zanotto and Moura, 2009). In this article, I analyse the issue of the paraphrase in the Aristotelian perspective (1996), with the same pretension I analyse Searle's position (1993) and, finally, Black's version (1962, 1966, 1993). Although some contradictions are presented and found in the perspective of Black, it seems that it is a suitable theoretical option to discuss the possibility of the metaphor being paraphrased.

Keywords: Metaphor; theories; paraphrase.

Considerações iniciais

Quando fazemos referência aos usos figurados da linguagem, a metáfora acaba sendo classificada como a figura mestra. Você deve estar se perguntado: por que estudar a metáfora? Qual a sua importância na atualidade? Hoje temos vários motivos para investigar esse

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora e professora vinculada ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* de Araguaína. Coordenadora do Grupo de Estudos Metafóricos (GEM/UFT) e dos projetos de pesquisa: (a) "Metáforas: a leitura de textos metafóricos nas séries do ensino fundamental", (b) "Regularidade interpretativa: o significado aspectual na interpretação das sentenças metafóricas verbais do PB e do Inglês". E-mail: dieysa@ibest.com.br; dieysa@mail.uft.edu.br.

assunto. Entre esses motivos, um dos principais é que a metafóricidade está onipresente na fala das pessoas. De acordo com Sardinha (2007, p. 15-16),

[...] as metáforas são o instrumento que possuímos para criar novo conhecimento ou para dar conta de algo novo na ciência ou no cotidiano. Por exemplo, quando os sistemas operacionais de computador passaram a dispor de recursos gráficos, as partes da tela do computador que mostravam os programas passaram a ser chamadas de *janelas*. Uma janela de computador é um trecho da tela que trabalha independentemente de outra. A princípio, poderiam tê-las chamado de qualquer outra coisa (violino, banana, chuva), mas janela é um bom nome porque é metafórico. Reflete nossa experiência acumulada com as janelas de verdade.

Dessa maneira, a metáfora é um recurso da linguagem adotado e/ou utilizado nas mais diversas áreas, isto é, tanto na economia, quanto na política, como na ciência, como no dia a dia. Logo, isso mostra a importância de conhecermos, de entendermos, de estudarmos a metáfora na atualidade. "Assim como dependemos da imaginação para entender o mundo, dependemos também das metáforas para a comunicação. [...] elas são onipresentes: estão em todos os lugares" (MOURA, 2012, p.12).

Já que estamos, em vários momentos, em contato com enunciados e textos metafóricos, certamente, precisamos interpretá-los, e em determinados momentos, fazemos uso da paráfrase. Afinal, ao interpretarmos uma sentença metafórica, realmente, conseguimos parafraseá-la? O que dizem as teorias existentes?

Parafrasear sentenças *com* sentido metafórico ou *sem* sentido metafórico significa reafirmar com outras palavras o que a sentença diz. Ao parafrasearmos qualquer sentença da língua, tentamos preservar, principalmente, o seu significado essencial. “[...] as orações de um mesmo par são [...] equivalentes quanto ao seu significado: utilizadas num grande número de situações práticas, *elas dizem a mesma coisa*. Esta relação tem sido chamada [...] de paráfrase” (ILARI e GERALDI, 1992, p. 42). Também temos que compreender que “[...] uma paráfrase [...] subtrai informação, por um lado, e acrescenta implicações não desejáveis, por outro” (CORÔA, 2005, p. 34). Moura (2007, p. 427) cita um exemplo que pode ser utilizado para ilustrar esse tipo de situação. O autor sustenta que os traços *traçoeiro* e *confortador* podem ser associados à *serpente* e à *mãe*, respectivamente, embora *traçoeiro* não seja, definitivamente, um traço definidor do conceito *serpente* e nem mesmo *confortador* um traço definidor de *mãe*. Isso quer dizer que *traçoeiro*, em dados momentos, não consegue captar tudo o que conceito *serpente* pode significar e, algumas vezes, pode ser um traço de sentido exagerado para o termo. O mesmo pode ocorrer com o traço *confortador* quando atribuído ao conceito *mãe*.

Quando interpretamos uma ocorrência metafórica ou um texto metafórico desejamos explicá-los; então, passamos a analisar o que está escrito na *linha* e na *entrelinha* da ocorrência metafórica ou do texto de caráter metafórico.

Neste estudo, discuto, especialmente, que para Black (1962, 1966, 1993), a metáfora perde a possibilidade de ser parafraseada. Ele defende que se uma sentença metafórica for parafraseada literalmente parte do seu valor cognitivo pode ser perdido. O autor assume a indeterminação da metáfora, sustentando que uma mesma sentença metafórica pode receber mais de uma interpretação. A partir daí, discuto uma questão um tanto obscura, pois se para Black a metáfora pode receber várias interpretações, parece que ela tem mais de um sentido.

Essa noção de indeterminação metafórica de Black parece não ir ao encontro de sua noção de “sistema de lugares comuns associados”, dando a impressão de que esse estudioso ao mesmo tempo em que advoga que uma metáfora é um caso de indeterminação dá a entender por meio do “sistema de lugares comuns associados” que é possível chegar a um único sentido da metáfora (cf. MOURA & ZANOTTO, 2009; FOSSILE, 2008c, 2011a, 2011b). Essa é uma questão que será discutida, posteriormente.

Portanto, neste texto, analiso como as teorias de Aristóteles, Black e Searle discutem a possibilidade da metáfora ser ou não parafraseada. Também tento discutir e analisar qual é a proposta teórica mais coerente quando se pensa sobre essa questão que diz respeito à interpretação de sentenças metafóricas e paráfrase.

1 Metáfora e paráfrase: versões teóricas

Para Aristóteles (1996) a metáfora desempenha a função de ornamento e também de preenchimento de lacunas vocabulares, remetendo à ideia da figura, tradicionalmente, conhecida por catacrese (OLIVEIRA, 1991). Aristóteles sustenta que na metáfora um termo (palavra, nome) pode ser substituído por outro, desde que essa troca evoque semelhanças entre os objetos nomeados. Essa ideia de Aristóteles pode ser identificada no seu texto *Arte poética e arte retórica* através da seguinte passagem: “[...] quando Homero diz de Aquiles *que se atirou como um leão*, é uma imagem, mas quando diz: *Este leão atirou-se*, é uma metáfora. Como leão e heróis são ambos corajosos, por uma transposição Homero qualificou Aquiles de leão” ([s. d.], p. 222). Dessa maneira, parece-me que Aristóteles é a favor da ideia de que uma metáfora pode ser parafraseada por meio da substituição de termos. (Cf. FOSSILE, 2008a, 2008b, 2008c, 2011a, 2011b).

Searle, por sua vez, “tendo em vista o compromisso com as condições de verdade da frase [...] [sustenta que] não pode haver um conjunto de paráfrases da metáfora, ou seja, a metáfora não pode ser indeterminada entre várias interpretações” (ZANOTTO E MOURA, 2009, p. 15). Para esse autor, há a existência da paráfrase literal da metáfora, isto é, para ele pode haver paráfrase literal desde que um enunciado metafórico como S é P encontre um enunciado do tipo S é R sob as mesmas condições de verdade pretendidas pelo falante (OLIVEIRA, 1991). Ou seja, Searle “[...] afirma que as condições de verdade de uma metáfora são equivalentes às da paráfrase literal” (ZANOTTO E MOURA, 2009, p. 15). Em relação a essa discussão, apresento a seguinte afirmação de Searle (1993, p. 87): “*the paraphrases must approximate what the speaker meant, because in each case the speaker’s metaphorical assertion will be true if, and only if, the corresponding assertion using PAR sentence is true*²”. E, ainda em relação à paráfrase, esse estudioso explica que,

a questão de saber se toda emissão metafórica admite uma paráfrase literal deve receber uma resposta trivial. Num sentido, a resposta é trivialmente sim; em outro sentido, é trivialmente não. Se interpretamos a questão assim: *É possível encontrar ou inventar uma expressão que exprima exatamente o significado metafórico R pretendido, no sentido de condições de verdade de R, para qualquer emissão metafórica de S é P por meio da qual se queira significar que S é R?*, a resposta a essa questão deve certamente ser sim. Segue-se trivialmente do Princípio da Exprimibilidade [...] que qualquer significado pode ter expressão exata na linguagem. Se a questão é interpretada como: *Toda língua existente provê recursos exatos para a expressão literal do que quer que desejemos expressar por meio de qualquer metáfora?*, então a resposta é obviamente não. Acontece frequentemente de usarmos uma metáfora precisamente por não haver expressão literal que exprima exatamente o que queremos significar. Além disso, nas emissões metafóricas, fazemos mais que simplesmente enunciar que S é R; [...] enunciamos que S é R passando pelo significado de S é P. É nesse sentido que temos a sensação de que as metáforas são, de algum modo, intrinsecamente não parafraseáveis. Elas não são parafraseáveis porque, sem usar a expressão metafórica, não reproduziremos o conteúdo semântico que intervém na compreensão da emissão pelo ouvinte. (SEARLE, 1995, p. 178-180).

Já para Black (1962, 1966, 1993) a metáfora perde a possibilidade de ser parafraseada, passando a ser entendida como uma maneira diferente de organizar a realidade, isto é, é tida como um processo cognitivo, como um *insight*. Esse estudioso também defende que se uma sentença metafórica for parafraseada literalmente parte do seu valor cognitivo pode ser eliminado. O autor sustenta que uma mesma ocorrência pode receber várias interpretações, assumindo, então, a indeterminação da metáfora. Se para Black uma sentença metafórica pode receber várias interpretações, então parece que ela tem mais de um sentido, e não, um único.

² “As paráfrases devem se aproximar do que o falante quis significar, pois, em cada caso, a asserção metafórica do falante será verdadeira se, e somente se, a asserção correspondente, a qual faz uso da sentença PAR, for verdadeira”. (Minha tradução).

Essa noção de indeterminação metafórica, segundo a qual uma metáfora pode receber várias interpretações parece não ir ao encontro da sua noção de sistema de lugares comuns associados, que está ligada à ideia de que é possível alcançar um único sentido para a metáfora, recorrendo-se às conotações convencionais das palavras que compõem uma ocorrência metafórica. Isso acaba estabelecendo uma certa contradição, ou seja, dá a impressão de que Black ao mesmo tempo em que advoga que uma metáfora é um caso de indeterminação, porque pode ser alvo de várias leituras, dá a entender por meio do sistema de lugares comuns associados que é possível chegar a um único sentido da metáfora (Cf. FOSSILE, 2008a, 2008b, 2008c, 2011a, 2011b). Essa questão precisa ser melhor analisada e será discutida na próxima seção.

2 Mais sobre metáfora e paráfrase: optando por uma teoria

Conforme vimos na seção precedente, a perspectiva aristotélica admite a troca de palavras desde que as palavras mantenham entre si relação de semelhança. Dessa forma, numa sentença como (a) *Aquele menino é um gorila*, o predicado *um gorila* pode ser substituído por *grande* ou *forte*, nesse caso, *gorila*, *grande* e *forte* sustentariam uma relação de semelhança entre si. (Cf. OLIVEIRA, 1991).

A partir dessa proposta, pergunto: - como se pode saber se, de fato, *Aquele menino é grande ou forte* é, realmente, a melhor paráfrase para traduzir a sentença (a)? Na verdade, várias paráfrases podem representar a sentença (a):

- (a1) Aquele menino é violento;
- (a2) Aquele menino é bravo;
- (a3) Aquele menino é cruel;
- (a4) Aquele menino é selvagem, etc.

Mesmo que na sentença, ao se trocar uma palavra por outra, elas mantenham relações de semelhança entre si, conforme propõe Aristóteles, podem ser levantadas questões problemáticas, tais como:

- quais critérios utilizar para selecionar uma das paráfrases para a sentença (a)?
- qual das paráfrases consegue capturar melhor o efeito de sentido que é produzido no enunciado (a)?

Porém, por outro lado,

- se há mais de uma leitura para a metáfora, como as pessoas se compreendem? Então, cada um pode interpretar uma metáfora da forma que quiser?
- a metáfora teria um ou mais sentidos?

Dessa forma, conforme pode ser acompanhado acima, a versão aristotélica apresenta várias questões sem resposta.

Já John Searle (1993) em seu texto “*Metaphor*” distingue Significado da Sentença (SS) de Significado do Falante (SF). Esse autor discute que o significado literal da sentença não é metafórico. O estudioso defende que a metaforicidade pode ser encontrada no significado do falante. Essa noção o distingue dos pesquisadores que tentam identificar o elemento metafórico no enunciado expresso pela sentença. O autor advoga que quando um falante usa uma sentença metaforicamente, pretende comunicar alguma coisa diferente do que a sentença metafórica diz. Segundo Searle (1995, p. 123),

[...] sempre que falamos do significado metafórico de uma palavra, expressão ou sentença, estamos falando do que um falante poderia querer significar ao emití-las, em divergência com o que a palavra, expressão ou sentença realmente significa. Portanto, estamos falando de possíveis intenções do falante.

O autor defende que não existe equivalência entre o significado do falante e o significado da sentença. Searle (1995, p. 122) afirma que “[...] o que o falante quer significar não é idêntico ao que a sentença significa [...]”. Conforme mencionado precedentemente, o estudioso sustenta que o significado de uma palavra ou de uma sentença não é metafórico, mas defende que o significado do falante pode ser metafórico. Dessa forma, o autor argumenta que “um significado metafórico é sempre um significado da emissão de um falante” (SEARLE, 1995, p. 124).

Searle (1993, 1995; cf. também Cf. FINGER, 1996) assume que é possível identificar a paráfrase literal da metáfora. Sustenta que a paráfrase literal pode ser identificada quando um enunciado metafórico do tipo S é P alcança num outro do tipo S é R as mesmas condições de verdade. Dessa forma, segundo Searle (1995, p. 180), “o melhor que podemos fazer numa paráfrase é reproduzir as condições de verdade da emissão metafórica [...]”. Porém, conforme Oliveira (1991) nem sempre usamos uma sentença metafórica somente para transmitir condições de verdade de um enunciado expresso, pois muitas vezes utilizamos determinadas expressões metafóricas porque não encontramos expressões literais para transmitir o que desejamos.

Isso leva a pensar que a proposta de Searle (1993) também apresenta pontos que produzem questionamentos, pois

[...] a metáfora faz algo mais, ela junta *duas idéias em uma*, mas isso extravasa as condições de verdade, é uma forma de construção especial, não assimilável à expressão literal. Não fica claro de que ordem seria a cognição típica da metáfora, nessa perspectiva pragmática. Seria uma forma especial de dizer, mas não uma forma especial de pensar o mundo: o mundo é expresso através de proposições que têm condições de verdade, e o enunciado metafórico não as tem (ZANOTTO E MOURA, 2009, p. 16).

Por fim, analiso a perspectiva de Black (1962, 1992, 1993, 1966) em relação à paráfrase. Assumo a Teoria da Interação Semântica, essa versão teórica discute que algumas metáforas podem gerar novos significados. Além disso, segundo essa perspectiva teórica, as metáforas podem ser compreendidas como *insights* cognitivos. A Teoria Interacionista proposta por Black defende que a metáfora cria alguma coisa nova. Segundo Black (1993), na Teoria Interacionista ocorre a interação entre o (i) tópico e (ii) o veículo³ da metáfora. Essa versão teórica de Black (1993) centra-se tanto no nível linguístico quanto no nível cognitivo, sustentando que a metáfora é um fenômeno especial em que os termos que compõem um enunciado metafórico interagem, simultaneamente, gerando uma operação mental (FOSSILE, 2011a, 2011b).

Ao longo dos estudos, percebi que também é necessário clarear alguns pontos que se apresentam um tanto obscuros nessa teoria. Para realizar essa clarificação, gostaria de ressaltar que me apoio, principalmente, na discussão desenvolvida por Zanotto e Moura (2009).

Já percebemos que Black (1962, 1992, 1993, 1966; KITTAY, 1987) assume que a metáfora deriva da interação de dois conceitos distintos, os quais são representados por palavras, emergindo dessa interação uma nova maneira de ver a realidade. Se surge uma e apenas uma nova maneira de ver a realidade e apenas um novo *insight*, então existe uma única interpretação para a metáfora. Por outro lado, se esse *insight* produz algo conceptualmente novo, não existente na linguagem, então podem surgir várias maneiras de representar esse *insight*. Se assim for, não pode existir somente uma única paráfrase literal da sentença metafórica, pois as palavras convencionais, já existentes, não conseguem e nem conseguirão representar o novo que está inserido na metáfora.

Talvez tenha sido essa a questão que tenha levado Black (1993) a assumir a indeterminação na metáfora. Nesse caso, a ideia de indeterminação de Black (1993) pode estar

³ Numa ocorrência metafórica, o *tópico* é o elemento do qual se fala e o *veículo* é a entidade que predica algo sobre o tópico. Por exemplo: Teu olhar (TÓPICO) é um ponto de interrogação (VEÍCULO).

[...] ligada a [...] impossibilidade de traduzir o novo com as palavras velhas, ou de dar um formato racional a algo que é mais intuitivo ou imagético. Mas isso não implica que a metáfora, na teoria interacionista, não tenha um único significado. Sim, tem: justamente o significado novo que a metáfora impõe. Ou seja, existe uma proposição p, contida na metáfora, embora p possa receber diferentes traduções; mas p é a única, de fato, pois p corresponde à substância do insight (ZANOTTO E MOURA, 2009, p. 18).

Dessa forma, parece-me que há uma única leitura para uma metáfora e não várias. Essa noção acaba predominando, pois os fatores convencionais que estão envolvidos no processo de interpretação da metáfora acabam conduzindo para uma única interpretação. Black (1993) parece mostrar que as convenções de conotação acabam se associando a uma palavra, ou seja, um sistema de lugares comuns associados é evocado pelo sentido das palavras que compõem uma metáfora. Dessa forma, o próprio autor assume que o sentido da metáfora é capturado a partir das conotações de uma palavra. Além disso, o conhecimento de uma palavra e os seus usos também são essenciais para que o sentido adequado seja alcançado.

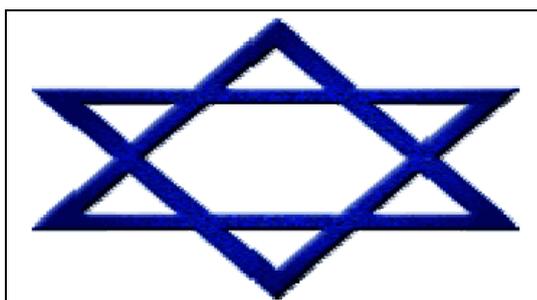
Esclareço, com base na abordagem dos autores Zanotto e Moura (2009), que a pretensão de Black (1993) ao falar em indeterminação inescapável foi ressaltar que a metáfora é a representação de um modelo de interpretação do real, logo um enunciado metafórico é intraduzível literalmente por se tratar de um modelo novo, porém isso não significa que a metáfora possua mais de um sentido. Também parece que a proposta de Black de enfatizar que as conotações são essenciais para que se possa alcançar o sentido da metáfora acaba podando a capacidade de significação da metáfora, fazendo com que as paráfrases literais percam o conteúdo, essencialmente, metafórico. Deve haver uma contradição no que Black defende como indeterminação inescapável e como redução do sentido metafórico a partir da convenção. Zanotto e Moura (2009) acabam propondo uma alternativa bem interessante para explicar essa contradição. Eles sugerem que na perspectiva de Black talvez exista uma diferença em dois aspectos da metáfora e que Black pode estar se referindo ora a um aspecto e ora a outro e, por razão disso, acaba surgindo a contradição. Desse modo, a metáfora de acordo com Black pode estar vinculada tanto a um *dizer* como a um *mostrar*.

O dizer corresponde ao aspecto proposicional da metáfora, o qual pode ser parafraseado num enunciado literal. O dizer é o conteúdo cognitivo que pode ser transportado para outras palavras. O mostrar corresponde à manipulação conceitual que a metáfora realiza; uma metáfora mostra como vemos uma coisa como outra, ela nos demonstra “graficamente” essa torção e expansão de conceitos (ZANOTTO E MOURA, 2009, p. 19).

Essa discussão voltada à dicotomia *dizer e mostrar* também remete aos estudos de Wittgenstein (2000). Segundo esse estudioso, a distinção entre o *dizer* e o *mostrar* “[...]”

consiste, essencialmente, na diferença entre o que pode ser dito (descrito) pela linguagem e o que só pode ser mostrado (o que está além dos limites da linguagem)" (JÚNIOR, 2011, p. 260).

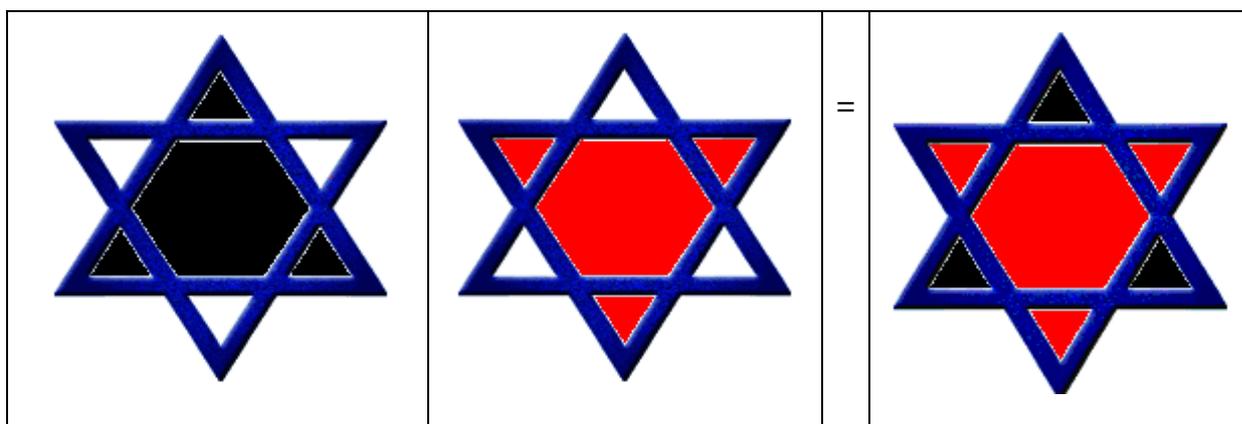
A Estrela de Davi é um exemplo geométrico através do qual Black tenta discutir o que é *mostrar* (BLACK, 1993, p. 31-33).



Quadro (1): Estrela de Davi.

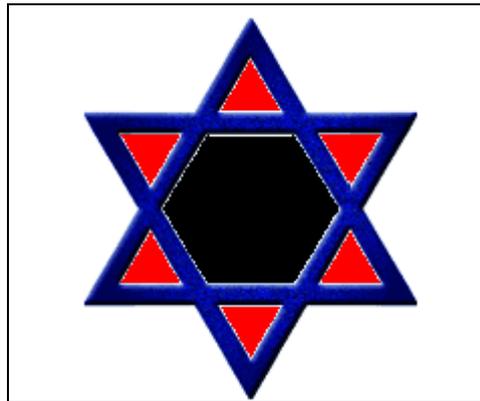
Segundo Black (1993, p. 31-33) há três formas de ver a Estrela, as quais podem ser mostradas graficamente, ou seja, é possível discriminar as formas geométricas por meio de cores diferentes:

- (a) um triângulo equilátero sobreposto em outro do mesmo tamanho:



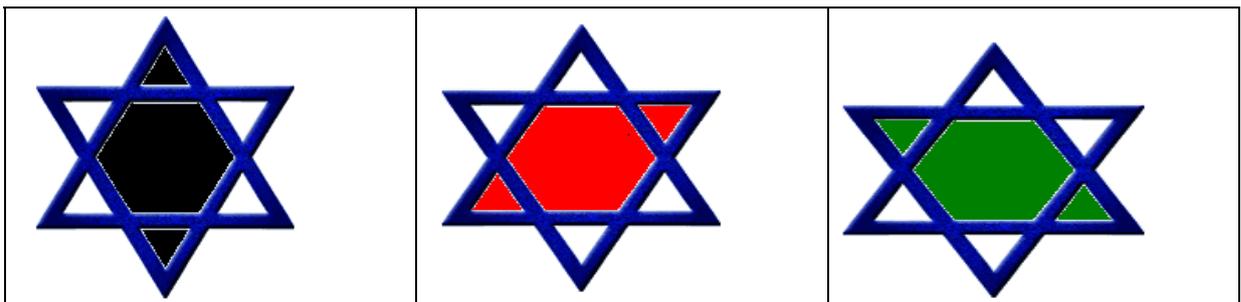
Quadro (2): Estrela de Davi – 1ª forma de ver (Fonte: BLACK, 1993, p. 32).

- (b) um hexágono regular com um triângulo equilátero em cada um de seus lados:



Quadro (3): Estrela de Davi – 2ª forma de ver (Fonte: BLACK, 1993, p. 32).

(c) três paralelogramas congruentes superpostos:



Quadro (4): Estrela de Davi – 3ª forma de ver (Fonte: BLACK, 1993, p. 32).

Por meio das formas de ver a Estrela de Davi, é possível observar que a mente precisa notar as conexões entre as figuras e o mesmo pode acontecer com a metáfora, ou seja, a mente precisa notar as conexões entre os conceitos antagônicos e essa percepção só pode ser mostrada e não dita. Portanto, quando Black discute a questão de que uma metáfora não pode ser parafraseada, parece que ele está falando sobre o *mostrar*, já ao discutir a parafrase por meio da conotação, parece que ele está discutindo o *dizer*. Nesse caso, o mostrar não pode ser apresentado por um conteúdo proposicional, o mostrar dá a ideia de ser uma figura que combina dois conceitos. Por exemplo: *O homem é um lobo*, essa "[...] metáfora justapõe diante dos olhos de nossa mente conceitos antagônicos e a possível relação entre eles [...] e essa visão dos conceitos não pode ser parafraseada, pois é uma figuração conceitual, e não um pensamento que possa ser traduzido em termos literais" (ZANOTTO E MOURA, 2009, p. 19). Dessa forma,

<p>O HOMEM</p>  <p>aa049793 www.fotosearch.com</p>	<p>é</p>	<p>UM LOBO</p> 	<p>?</p>
---	----------	---	----------

Quadro (5): O mostrar.

Nesse sentido, conforme Zanotto e Moura (2009), como parafrasear uma metáfora se somente ela própria pode apresentar a ideia por ela pretendida?

No caso de dizer, temos um conteúdo proposicional embutido na metáfora, e cabe ao interlocutor descobri-lo. Definindo esse conteúdo, é possível representá-lo com outras palavras, formando-se as paráfrases. E o dizer também respeita o princípio da univocidade: apenas um conteúdo proposicional é atribuído ao que a metáfora quer dizer. [...] [de acordo com] Black, a metáfora diz algo com base na conotação do veículo da metáfora, e mostra como conceitos distintos podem ser manipulados de forma a aparecerem juntos (ZANOTTO E MOURA, 2009, p. 20).

Essa explicação de Zanotto e Moura relacionada à dicotomia *Mostrar* e *Dizer* parece esclarecer e responder alguns pontos obscuros dessa teoria interacionista. Com base nos estudos de Black (1962, 1966, 1993), é possível concluir que o *insight* que uma metáfora cria ao associar dois conceitos é novo (não existente antes) e único (um só), por isso acaba sendo entendido como algo intraduzível, pois, nesse caso:

- quais são as palavras que podem ser utilizadas para expressar um sentido completamente novo e único de uma metáfora?
- quais são as palavras que conseguem capturar, exatamente, o sentido novo e exclusivo do *insight* produzido pela metáfora sem perder nenhuma parte dele e nem mesmo distorcê-lo?

Diante dessas questões, parece-me que cada interpretante de uma metáfora pode selecionar as palavras que julga coerentes para traduzi-la e isso, na minha concepção, implica numa seleção de palavras um tanto subjetiva, fazendo com que surjam várias paráfrases para uma única metáfora. Mas, mesmo que surjam as várias tentativas de parafrasear uma única metáfora, suponho que, talvez, todas as paráfrases estejam inter-relacionadas se referindo e tentando representar o único e exclusivo *insight* produzido pela metáfora. E o apelo às conotações convencionais⁴ das palavras que compõem uma sentença metafórica para traduzir uma metáfora é uma maneira de buscar e representar o sentido único e exclusivo que ela cria, porém de uma forma mais objetiva, generalizante e convencional; embora a posição de que a paráfrase não consegue capturar todo o sentido que uma metáfora gera pareça coerente.

Portanto, assumo, tal como já argumentei em outro momento, a perspectiva interacionista, pois essa versão teórica defende que tanto operações linguísticas quanto operações cognitivas estão envolvidas no processo interpretativo da metáfora. Isto é, sustento que a metáfora é um fenômeno especial em que os termos que formam um enunciado metafórico interagem, simultaneamente, resultando uma operação mental (FOSSILE, 2011a, 2011b). A partir dos estudos realizados, verifico que a articulação entre estrutura linguística e estrutura cognitiva contribui para a definição do sentido resultante de uma sentença metafórica. A meu ver, a metáfora (i) não é apenas substituição de palavras; (ii) não serve apenas para adornar a língua; (iii) o sentido resultante de uma sentença metafórica não deriva e nem depende somente da intencionalidade do falante; mas, concluo que a "[...] articulação das operações linguísticas e conceptuais em jogo pode explicar como os falantes em situações concretas de uso, tentam delimitar um sentido para as metáforas a que são expostos" (MOURA, 2002, p.160).

Com base nos estudos realizados, em relação ao questionamento apresentado no início deste texto, *Afinal, ao interpretamos uma sentença metafórica, realmente, conseguimos parafraseá-la?*, respondo que a metáfora produz somente um sentido, um *insight*, a partir da interação de dois conceitos. Já o apelo às conotações convencionais das palavras, que constituem uma sentença metafórica, é uma maneira de tentar parafrasear o *insight* que a metáfora cria, embora não seja possível alcançar esse *insight* em sua totalidade. Portanto, a partir dos estudos realizados podemos concluir que uma metáfora nunca será completamente parafraseável, ou seja, o conjunto de paráfrases literais que é obtido de uma sentença ou proferimento metafórico nunca será capaz e nem terá o poder de informar e esclarecer como a

⁴ Equivale ao que Black chamou de sistema de lugares comuns associados.

metáfora original (BLACK, 1992, 1993; KITTAY, 1987). Nesse caso, podemos concluir que um enunciado metafórico é intraduzível literalmente. Porém, podemos aceitar que possíveis paráfrases sejam apresentadas às metáforas, desde que, respeitem as pistas dadas pelo contexto linguístico de cada ocorrência metafórica. Dessa forma, uma paráfrase pode se aproximar ao máximo do sentido de uma metáfora original, mas nunca substituí-la por completo.

Considerações finais

No final deste texto, ressalto que parece que no processo de interpretação de uma metáfora podem surgir várias paráfrases; mas, sustento que entre elas deve haver uma associação e todas tentam dizer e representar a mesma coisa: o *insight* exclusivo, que a metáfora cria, pois se não houvesse uma relação entre as paráfrases uma mesma metáfora poderia ter mais de um sentido. Logo, se uma metáfora cria um só sentido e as pessoas de uma comunidade linguística conseguem capturar esse sentido único, é porque deve haver alguma sistematicidade envolvida na interpretação. Deve haver alguma regra guiando a interpretação, a qual não pode ser realizada de maneira *ad hoc*, gerando um sentido casual e aleatório. Pois, se assim não fosse, se encarássemos a interpretação da metáfora como algo que acontece livremente, seria extremamente difícil imaginar como os membros de uma mesma comunidade linguística fazem um uso bastante eficaz da metáfora, assim como seria bem complicado entender como conseguem alcançar a mesma interpretação para uma mesma sentença metafórica. Devem existir padrões que definem o sentido da metáfora, embora seja natural que haja uma boa quantia de convenção envolvida na interpretação de qualquer metáfora, mesmo nas mais criativas (cf. MOURA, 2007, p. 418; cf. também MOURA 2005, 2006, 2008; FOSSILE, 2011a, 2011b).

Referências

ARISTÓTELES. **Arte poética e arte retórica**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s. d.].
_____. **Poética**. Tradução: SOUZA, E. de. Porto Alegre: Editora Globo, 1996.

BLACK, M. Metaphor. In: **Models and metaphor**. Ithaca: Cornell University Press, cap. 3, 1962.

_____. Como as metáforas funcionam: uma resposta a D. Davidson. In: SACKS, Sheldon (Org.). **Da metáfora**. São Paulo: Educ, 1992.

_____. More about metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. **Modelos y metáforas**. Madrid: Editorial Tecnos, 1966, p. 205 – 238.

CORÔA, M. L. **O tempo nos verbos do português**: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FINGER, I. **Metáfora e significação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

FOSSILE, D. K. Interpretação de metáforas com verbos de mudança de estado. **Revista Ciências e Cognição**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 187-198, 2008a.

_____. Regularidade Interpretativa nas metáforas com verbos de mudança de estado. **Revista Línguas e Letras**. Cascavel, v. 9, n. 16, p. 37 – 66, 2008b.

_____. **Metáforas com verbos de mudança de estado**. 2008. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008c.

_____. Um passeio pelos estudos da metáfora. **Revista de Letras da UTFPR**. Curitiba, jul. de 2011a. Disponível em: <http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br>.

_____. **O significado aspectual na interpretação de metáforas verbais**. 2011. 300 f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011b.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1992.

JÚNIOR, G. Entre o dizer e o mostrar: o lugar da secção do solipsismo na estrutura argumentativa do Tractatus. **Revista Princípios** (Revista de Filosofia). Natal (RN). v.18, n.29, jan./jun. 2011, p. 259-283.

KITTAY, E. F. **Metaphor**: its cognitive force and linguistic structure. Oxford: Oxford University Press, 1987.

MOURA, H. M. M. Metáfora: das palavras aos conceitos. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 139, p. 51-69, 2005.

_____. The conceptual and the linguistic factors in the use of metaphors. **DELTA**. São Paulo, v. 22, n. especial, p. 81 – 94, 2006.

_____. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Revista Veredas**. Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 153 - 161, 2002.

_____. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. **Linguagem e (dis)curso**. Tubarão, v. 7, n. 3, p. 417-452, 2007.

_____. Desfazendo dicotomias em trono da metáfora. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 179 – 200, 2008.

_____. **Vamos pensar em metáforas?** São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2012.

OLIVEIRA, R. P. **As faces do rosto**. 1991. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial; 2007.

SEARLE, J. Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and Thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University, p. 83 – 111, 1993.

_____. **Metáfora**. In: SEARLE, J. Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 120-181.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Ed. Nova Cultural. (Col. Os Pensadores – trad.: José Carlos Bruni), 2000.

ZANOTTO, M. S.; MOURA, H. Investigando teórica e empiricamente a indeterminação da metáfora. **Revista Gragoatá**. Niterói, n. 26, p. 9-42, 2009.